

Mulher Bandida e Cangaceira Apaixonada **A Representação de Maria Bonita no Jornal *Diário De Pernambuco* (1932-1938)¹**

Michele MUELLER²

Gabriela ALMEIDA³

Universidade Luterana do Brasil, Canoas, RS

RESUMO

O artigo apresenta uma análise da representação da cangaceira Maria Bonita construída pelo jornal impresso Diário de Pernambuco na década de 1930. Maria Bonita foi a primeira mulher a integrar o movimento, que aconteceu no Nordeste do Brasil. Para entender a construção da representação da cangaceira no veículo, 14 notícias publicadas entre 1932 e 1938 foram analisadas à luz do conceito de representação em Hall (2016). Os autores Rioux (1999) e Marcilio (2013) também foram importantes para a discussão acerca das aproximações entre Jornalismo e História. A partir da pesquisa, foi possível constatar que Maria Bonita foi representada de forma multifacetada: ao longo de sete anos, o periódico construiu uma imagem incomum para uma mulher da década de 1930: ela foi representada como uma sertaneja atraente fisicamente, de personalidade dominante, violenta e apaixonada pelo cangaceiro Lampião.

Palavras-chave: Representação; Jornalismo impresso; Jornalismo e história; Maria Bonita; Cangaço; *Diário de Pernambuco*

1 INTRODUÇÃO

Cerca de 40 mulheres viveram na caatinga nordestina durante o período do cangaço (NEGREIROS, 2018). Algumas entraram no movimento por questões afetivas, como envolvimento com os homens, outras foram raptadas e abusadas por cangaceiros. Mesmo não estando na linha de frente do combate, elas levavam pequenas armas consigo e desempenhavam o papel de esposas e enfermeiras. Maria Bonita, companheira de Lampião, foi a primeira mulher a participar do bando. A entrada da cangaceira no movimento, em 1930, permitiu que outras sertanejas fizessem o mesmo. Maria Bonita nasceu em 1911 na cidade de Paulo Afonso, no sertão da Bahia, e morreu em 1938 após uma emboscada da polícia alagoana em Sergipe (ARAÚJO, 1984).

A representação desta personagem foi construída durante o cangaço pela imprensa, especialmente nos jornais impressos, e posteriormente pelos historiadores. Os

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

² Estudante do 8º semestre do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), e-mail: michelemueller99@gmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora do curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), e-mail: gabriela.mralmeida@gmail.com.

periódicos dividiam espaço com o rádio e propagavam as informações sobre o cangaço pelos estados brasileiros. Já os historiadores se dedicavam – e seguem se dedicando – a escrever livros que relatam os feitos do cangaço. O espaço que a História e o Jornalismo davam às cangaceiras era pequeno, quando comparado aos homens do bando, mas é importante ressaltar que o número de mulheres envolvidas com o cangaço também era inferior dentro do grupo de Lampião. Além de terem sido integradas posteriormente, a rotatividade de cangaceiros homens era maior, o que se deve à forma ativa como eles se posicionavam nos confrontos. Muitos eram mortos ou presos.

Esta pesquisa procura discutir a representação de Maria Bonita nas notícias publicadas pelo jornal *Diário de Pernambuco* entre 1932 e 1938, uma vez que a *Rainha do Cangaço* é a personagem feminina mais noticiada nas matérias ligadas às mulheres do movimento. Para isso, é realizada uma análise das notícias que se referem à Maria Bonita⁴ para apontar as formas como o veículo se referiu a ela ao longo do intervalo de tempo observado, em um movimento que permite compreender a importância da cangaceira para o movimento e para o período. Quando ela entrou no bando, em 1930, as mulheres brasileiras não tinham direito ao voto e atuavam fundamentalmente nos trabalhos domésticos.

Para abordar os conceitos de história imediata e representação foram consultados autores como Jean Pierre Rioux e Stuart Hall. A discussão de gênero também contribuiu para a análise desta pesquisa, mas de forma coadjuvante. O método utilizado é o qualitativo-descritivo, que consiste na observação e na análise das matérias do *Diário de Pernambuco*. A análise do jornal, a observação de recorrências nas notícias e de ambiguidades nas formas de se referir a Maria Bonita, permitiu a criação das seguintes categorias nas quais as notícias analisadas foram agrupadas: beleza sertaneja, liderança feminina, mulher bandida e cangaceira apaixonada.

Para essa pesquisa foram consultados os livros históricos *O Cangaço*, de Carlos Alberto Dória (1981), *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó (1963), *História do Cangaço*, de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1982), *Almas de Lama e Aço: Lampião e outros cangaceiros*, de Gustavo Barrozo (1935), *Lampião: as mulheres e o cangaço* (1984), *Gente de Lampião: Dadá e Corisco* (1982), ambos de Antônio Amaury Correa de Araújo, e a biografia *Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço*, de

⁴ A partir de buscas no *Google Acadêmico*, é possível afirmar que não foram encontrados artigos na área da Comunicação Social que abordam as mulheres do cangaço na imprensa da época.

Adriana Negreiros (2018). Nos livros históricos, a presença das mulheres não é mencionada ou é abordada de forma superficial – exceto nas obras que são dedicadas especificamente a elas. Os títulos que focam nas personagens femininas são poucos, mas servem como relatos da memória, como acontece com os livros de Araújo e a primeira biografia de Maria Bonita, escrita por Adriana Negreiros, e publicada em 2018, quando se completa 80 anos da morte da cangaceira.

2 SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE HISTÓRIA, JORNALISMO E REPRESENTAÇÃO

A História e o Jornalismo são áreas que muitas vezes se interseccionam. Seja na construção de uma reportagem que aborda fatos históricos ou na edição antiga do jornal impresso que serve como documento e fonte de pesquisa (MARCILIO, 2013). Ambos os profissionais – historiador e jornalista – podem trabalhar em conjunto para preservar a memória e levá-la até a sociedade. História e Jornalismo também se baseiam em fontes e documentos para construir uma narrativa do real e essa busca pela verdade pressupõe responsabilidades. Segundo o pesquisador Luiz Gonzaga Motta (2004), o profissional da imprensa é mais pressionado no seu ambiente de trabalho quando comparado ao pesquisador, pois lida com a “responsabilidade que tem de contar fatos ainda abertos e falar de pessoas que ainda não terminaram de viver” (MOTTA, 2004, p. 6).

A pressa pelo fechamento e publicação das notícias pode comprometer a boa apuração, enquanto o historiador tem mais tempo para analisar os fatos, comparar as declarações e construir uma linha narrativa. Entretanto, o método historiográfico tem a incumbência de resumir uma série de acontecimentos e esquematizá-los para que tenham coerência.

Por muito tempo, o Jornalismo foi vinculado exclusivamente ao presente, enquanto a História era ligada ao passado. Essa oposição temporal diminuiu com a implementação dos conceitos de “história do presente” ou “história imediata”. O passo foi dado a partir do lançamento da coleção *A História Imediata* na editora francesa Editions du Seuil em 1962 (RIOUX, 1999). Jean Lacouture afirma que o jornalista não se contentaria em noticiar o presente e tinha condições de exercer um olhar crítico sobre a sociedade, o que lhe daria o direito de criar uma “história imediata”. O conceito de história imediata é, assim, um paradoxo à afirmação de que o jornalista escreve para o

esquecimento (RIOUX, 1999) ou que o jornal impresso se transforma em papel para embrulhar peixe no dia seguinte à sua publicação. A história imediata transformou o jornalista em um profissional que também visa o futuro; que é capaz de ser um historiador do seu tempo.

Pierre Nora (apud DORNELLES e FONSECA, 2013, p.15) destaca que o fato de algum acontecimento existir não é o suficiente para torná-lo histórico. O que auxilia nesse processo, entre outros fatores, é a repercussão alcançada nos veículos de comunicação de massa da época. Desta forma, o acontecimento poderá ficar gravado e eternizado nos periódicos e em outros meios. Nora ainda diz que “a história do presente não é um simples apêndice linear da história do passado, mas uma história distinta, cuja particularidade é justamente sua exclusão do campo da história” (NORA apud DORNELLES e FONSECA, 2013, p.15).

Rioux (1999) alerta para uma generalização, à medida que qualquer furo de reportagem possa ser considerado histórico, já que a preocupação em garantir a fidelidade do público-alvo levou profissionais da imprensa a terem poucos critérios. Ele ressalta ainda que as iniciativas jornalísticas abalaram os historiadores, à medida que as empresas misturaram os profissionais da imprensa e intelectuais. Marcilio considera essa junção importante para que as pessoas reconheçam o contexto em que estão inseridas: “[...] documentar os acontecimentos é apenas uma de suas atribuições, mas o seu papel principal é fazer com que as pessoas compreendam melhor a realidade social em que vivem.” (MARCILIO, 2013, p. 56).

Este artigo analisa objetos históricos e midiáticos, considerando a discussão levantada nesta seção. As mulheres que entraram no cangaço, como Maria Bonita, foram representadas através desses meios, inclusive, de forma interseccionada - já que a História usa as reportagens jornalísticas como fonte e a imprensa contribui com a História. O resguardo dessa memória, tanto pela imprensa quando pela História, permite também que as cangaceiras sejam lembradas e estudadas.

Para melhor entender a representação de Maria Bonita no Diário de Pernambuco, porém, é importante considerar que uma representação é construída através de inúmeros fatores, como as linguagens, interpretações ou estereótipos que são levados em consideração na cristalização de saberes e imaginários. Para Hall (2016), as representações estão vinculadas ao uso da linguagem, pois concedemos sentido às coisas “pela maneira como as representamos - as palavras que usamos para nos referir a

elas, as histórias que narramos a seu respeito [...] as maneiras como as classificamos e conceituamos” (HALL, 2016, p. 21). Hall acredita ainda que há dois sistemas responsáveis por representar algo. O primeiro relaciona objetos, sujeitos e acontecimentos a um conjunto de conceitos mentais que carregamos. Já o segundo cria um mapa conceitual que precisa ser traduzido em uma linguagem acessível para que conceitos e ideias sejam ligados a palavras, sons pronunciados e imagens visuais.

Também existem três enfoques para explicar como se dá a representação do sentido pela linguagem. O primeiro é a abordagem reflexiva. “[...] o sentido é pensado como repousando no objeto, pessoa, ideia ou evento no mundo real, e a linguagem funciona como um espelho, para refletir o sentido verdadeiro como ele já existe no mundo” (HALL, 2016, p.48). O segundo diz respeito à abordagem intencional. Neste caso, o autor tem intenção ao colocar palavras específicas em um texto - para que elas signifiquem o que ele deseja. A terceira, por sua vez, é a abordagem construtivista. Este diz que nós construímos sentido às coisas, levando em conta conceitos e signos presentes no cotidiano.

Os estereótipos também fazem parte do processo de representação. Eles apontam situações e comportamentos tidos como “normais” ou “anormais”. Estas ideias fixadas são fundadas e mantidas na sociedade. Isso faz com que as características de uma pessoa, por exemplo, sejam simplificadas ou exageradas. “[...] a estereotipagem reduz, essencializa, naturaliza e fixa a "diferença" (HALL, 2016, p.191)”.

No livro *Public opinion*, Walter Lippmann apresenta duas versões sobre estereótipos (FREIRE FILHO, 2004). A primeira usa a psicologia como base e vê os estereótipos como fundamentais para manter a ordem em meio à agitação das cidades modernas. Já a segunda, os apresenta como um perigo para os processos democráticos quando os meios de comunicação de massa produzem representações inadequadas quanto a estrangeiros, classes sociais e comunidades.

Estes tópicos levantados são fundamentais para analisar a representação de Maria Bonita no jornal *Diário de Pernambuco*. Principalmente, a questão acerca dos estereótipos, que acompanham a mulher nordestina e sertaneja até os dias atuais. Também é importante refletir sobre a influência da linguagem nas notícias selecionadas, observando a intenção dos enunciados e a construção de sentidos sugerida por eles.

3 OS MOVIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

O site da *Biblioteca Nacional* foi consultado para escolha do periódico nordestino a ser estudado. Em um primeiro momento, optamos por jornais dos estados que tiveram maior participação das cangaceiras e que fossem do período de 1937 e 1938. Os periódicos disponíveis da Bahia e de Sergipe são de anos anteriores. Já em Alagoas, as opções se limitam ao *Almanaque do Ensino* de 1937 e ao *Mensanário Ilustrado* de 1938. O último estado a ser consultado foi Pernambuco. Na aba destinada ao local, encontramos a versão digitalizada do jornal *Diário de Pernambuco* disponível nos anos delimitados.

Quando foi realizada a primeira pesquisa no jornal, percebemos que as notícias que citavam as cangaceiras eram poucas nos anos 1937 e 1938. Sendo assim, decidimos ampliar o período para 1930 a 1940. O ano de 1930 marca a entrada da mulher no cangaço, já 1940 é o ano final do movimento - período em que o cangaceiro Labareda se entrega à polícia e que Corisco é morto pelos oficiais⁵.

Para construir a tabela de notícias referente às cangaceiras, acessamos a área destinada às buscas no *Diário de Pernambuco*. Pesquisamos pelas palavras-chave: bandoleira; cangaceira; maria bonita; maria do capitão⁶; maria de déa⁷; mulher bando; mulher corisco; mulher lampeão⁸. Também busquei pelos termos mulher cangaceiro; mulher cangaço; dadá corisco; sergia ribeiro⁹; enedina bando¹⁰; enedina cangaço e enedina lampeão. Estes não foram encontrados.

No total, 31 notícias foram encontradas em um período de dez anos. Elas foram separadas em uma tabela primária¹¹ pelos setores: data, título, subtítulo, mulher mencionada, contexto e foto das cangaceiras. A partir dessa tabela foi possível perceber que 26 notícias envolviam Maria Bonita – a pioneira do cangaço. Estes conteúdos foram utilizados de forma cronológica para criar uma tabela secundária¹² dividida nos temas atributos físicos, personalidade, violência praticada pela cangaceira, paixão de Maria

⁵ Corisco e Labareda foram os cangaceiros que assumiram o bando após a morte de Lampião e Maria Bonita.

⁶ Maria Bonita era chamada de Maria do Capitão por cangaceiros e cangaceiras do bando de Lampião (NEGREIROS, 2018).

⁷ Maria Bonita era conhecida pela imprensa como Maria de Déa até 1936.

⁸ O nome do cangaceiro Lampião era escrito desta forma pelos jornais da época.

⁹ Sérgia Ribeiro da Silva é o nome da cangaceira Dadá.

¹⁰ Junto com Maria Bonita, Enedina morreu no ataque à Grota de Angico. A cangaceira entrou no movimento com o marido Zé Julião.

¹¹ Por uma limitação de espaço, não foi possível reproduzir as tabelas no artigo. Ver apêndice A neste link <<https://drive.google.com/file/d/1San95ZAEIzJglu93p8w6AGB96r6CryPE/view?usp=sharing>>>

¹² Ver apêndice B no link indicado acima.

Bonita pelo marido (e vice-versa) e outras notícias. Esses assuntos, com exceção do tópico *outras notícias*, permitiram a elaboração de quatro categorias: 1) beleza sertaneja; 2) liderança feminina; 3) mulher bandida e 4) cangaceira apaixonada.

4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS DO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*

O *Diário de Pernambuco* foi fundado em 1825 pelo jornalista e tipógrafo Antonino José de Miranda Falcão. A ideia inicial era ser uma folha de anúncios para a população e veiculá-lo de segunda a sexta, dessa forma, o periódico se tornaria a primeira folha diária do Recife. Os anúncios se referiam a compras, vendas, roubos, achados, apreensão de escravos e amas-de-leite. No início da década de 1930, período que marca a entrada de Maria Bonita no cangaço, o jornal foi vendido aos *Diários Associados*, empresa fundada pelo jornalista paraibano Francisco Assis Chateaubriand. Nesse período, o matutino aumentou o número de páginas e o material informativo. Entre 1930 e 1940, o jornal realizou uma cobertura extensa do cangaço – especialmente do bando de Lampião. O líder do bando nasceu e cresceu em Pernambuco, estado sede do periódico. O município de Serra Talhada fica a 415 quilômetros da capital Recife.

Quatorze notícias sobre Maria Bonita foram analisadas. Ao longo do processo de leitura de todas as notícias localizadas, percebeu-se que havia recorrências, o que permitiu a criação das categorias de análise. As notícias mais usuais dizem respeito aos atributos físicos, personalidade, violência praticada pela cangaceira e a paixão dela por Lampião. As notícias que não se enquadravam nessas categorias abordavam a violência praticada contra a cangaceira e não apresentavam uma linha de representação, por isso não foram analisadas neste trabalho. É importante ressaltar que a grafia dos textos das notícias obtidas através do *Diário de Pernambuco* foi preservada e transcrita da mesma forma que aparece no jornal.

4.1 BELEZA SERTANEJA

A primeira matéria publicada sobre a *Rainha do Cangaço* data de 30 de março de 1932 e diz respeito aos seus atributos físicos. O cangaceiro Volta Seca, que foi capturado, faz revelações à polícia baiana. Os detalhes chegam ao *Diário de Pernambuco* com o título “Desmantelando o bando de Lampeão”. Na notícia há o subtítulo “A amante de Lampeão”. Esta coluna traz informações sobre Maria Bonita -

que na época ainda era conhecida como Maria Déa. “Nasceu no lugar denominado Mata do Caiçara. E’ alva, cabelos pretos e bonita¹³.”

A beleza da cangaceira não é afirmada em todas as matérias que falam de seus atributos físicos. Em 10 de janeiro de 1936, o jornal publica informações de que Maria Bonita é tida como uma mulher feia. “Maria da Gloria como descrevem os conhecidos, não é um bello typo de sertaneja. [...] é baixa, rachitica, nariz afilado, bocca que se abre às vezes num sorriso desconfiado. Os seus olhos possuem um estranho brilho [...]”¹⁴.

As reportagens trazem opiniões diferentes quanto à beleza da cangaceira. A representação que cada uma constrói de Maria Bonita é embasada na narração de seus autores. As palavras usadas para classificá-la como bonita ou feia possibilitam a criação de uma imagem – que pode ser intencional (HALL, 2016).

Até o final de 1936, a imagem de Maria Bonita era construída pelos meios de comunicação e pelos boatos que corriam pelo sertão – já que nenhuma foto da cangaceira havia sido publicada. Após 21 de dezembro, os leitores do jornal *O Povo*, de Fortaleza, puderam conhecer a face e o corpo da *Rainha do Cangaço*. O fotógrafo sírio-libanês Benjamin Abrahão foi o responsável por captar a intimidade de Maria Bonita e do bando de Lampião (NEGREIROS, 2018).

Em fevereiro de 1937 foi a vez do *Diário de Pernambuco* publicar a primeira imagem individual da cangaceira – ela aparece sentada, de pernas cruzadas, com dois cães do bando. Na coluna do jornal, Maria Bonita é comparada a uma atriz sueca famosa em Hollywood, que foi indicada ao Oscar, no mesmo ano, por sua atuação no filme *A dama das camélias* (NEGREIROS, 2018): “Teem ahi os nossos leitores uma pose feita, com toda dignidade cinematographica de uma Greta Garbo, pela famigerada Maria de Oliveira, vulgo “Maria do Capitão”, companheira do famoso bandoleiro Lampeão¹⁵”. A matéria ainda cita os trajes que Maria Bonita usa na fotografia. “Nella apparece a companheira de “Lampeao” trazendo o seu “tenue” domingueiro, os cabellos alisados a banha cheirosa, meias de algodão, sapatos “trésses” e seu vestido azul claro de linho”. Esta publicação representa uma cangaceira romantizada, distante da vida árdua do cangaço. Seja pela foto em trajes informais – diferente das roupas de couro que eram utilizadas na caatinga – ou pela narrativa que marca uma transição de Maria Bonita; uma cangaceira que não é mais *bicho-do-mato* e sim uma *dama*. Isso se deve à

¹³ Diário de Pernambuco, 30/03/1932, p. 2

¹⁴ Diário de Pernambuco, 10/02/1936, p. 10

¹⁵ Diário de Pernambuco, 17/02/1937, p. 12

relação da personagem com um símbolo de beleza europeu e dos assessorios que compõem a foto.



Figura 1 – Fotografia que mostra Maria Bonita e os cães Ligeiro e Guarani
Autor: Benjamin Abrahão – 1936

Mesmo depois de morta, os atributos físicos da *Rainha do Cangaco* continuaram sendo comentados pela imprensa – ainda com mais força. A edição do dia 30 de julho de 1938 conta quem era Maria Bonita. “Era uma cabocla de lindo perfil, de curvas perfeitas¹⁶”. O soldado que a assassinou também mencionou detalhes físicos da cangaceira. “Bertholdo disse ainda que o corpo de Maria Bonita não tinha uma só cicatriz e sua pele era macia¹⁷”.

De modo geral, Maria Bonita é representada como uma sertaneja de belos atributos físicos. As imagens publicadas e as fontes utilizadas pelos jornalistas – como moradores do sertão e policiais – constroem um perfil de mulher atraente para os padrões da época. No jornal, *Lampião* também tem alguns traços físicos citados após a morte, como a cor da pele, os lábios, nariz e queixo. Entretanto, não é feito nenhum juízo acerca da possível beleza ou feiura do cangaceiro; seus atributos físicos não são destaques nas matérias como acontece com Maria Bonita. As notícias não enfatizam a textura da sua pele ou a forma de suas curvas.

A desigualdade de representação, neste caso, é causada pela construção social de que mulheres são reconhecidas por sua beleza – ou falta dela – enquanto os homens são valorizados por sua virilidade. Logo, um homem desprovido de atributos físicos não é

¹⁶ Diário de Pernambuco, 30/07/1938, p. 12

¹⁷ Diário de Pernambuco, 02/08/1938, p. 3

considerado melhor ou pior por isso. Já as mulheres podem ser vistas como inferiores dentro da sociedade, ainda mais no sertão dos anos de 1930.

4.2 LIDERANÇA FEMININA

Segundo o jornal pernambucano, Maria Bonita tinha uma personalidade forte e era considerada dominadora. “Um exemplo só ilustra como é grande o domínio da sertaneja sobre o celebrizado malfeitor. Uns andarilhos colombianos [...] capturados pelos bandoleiros, iam ser fuzilados como sendo “macacos do governo”, escapando, finalmente, graças à intervenção da companheira do orientador dos faccinoras¹⁸”.

O poder da cangaceira sobre o marido, considerado o símbolo de virilidade sertaneja, também está presente em outra notícia publicada pelo periódico. Maria Bonita é comparada à francesa Jeanne-Antoinnet Lenormant d’Etiolles, que foi amante do rei Luís XV entre 1745 até aproximadamente 1750 (NEGREIROS, 2018). Jeanne-Antoinnet era conhecida como *Madame Pompadour*, uma mulher de temperamento frio. “Maria do Capitão é a única pessoa do bando que exerce ascendência moral sobre o chefe dos cangaceiros. Por vezes, “Lampeão” hesita em lavrar uma sentença de morte e é ella sempre que resolve em última instância. [...] porém, raramente decide em favor do réu¹⁹.” A matéria ainda complementa que os homens do bando de Lampeão a dedicam servis homenagens, “tudo para não cair no desagrado dessa “Madame Pompadour do Cangaço”, senhora dos barão e cutello dos sertões nordestinos”.

Depois de morta na Grotta de Angico²⁰, em Sergipe, Maria Bonita não é mais representada como uma mulher dominadora, mas sim corajosa. Em 30 de julho de 1938, o jornal conta que Lampeão queria matar o filho do casal, que chorava muito. A mulher teria impedido que o crime acontecesse. “Maria Bonita, bella e corajosa, atravessou-se á frente do filhinho, obrigando-o com isso a que Lampeão baixasse a mão assassina que se levantava contra o inocentinho, o sangue de seu sangue²¹.”

Maria Bonita é construída nessas notícias como uma mulher destemida, que não tinha medo do marido violento e das decisões que possivelmente deveria tomar. Os adjetivos a ela referidos fazem com que a cangaceira tome uma posição de liderança

¹⁸ Diário de Pernambuco, 10/01/1936, p. 1

¹⁹ Diário de Pernambuco, 17/02/1937, p. 12

²⁰ Localidade na divisa das cidades de Poço Redondo e Canindé de São Francisco

²¹ Diário de Pernambuco, 30/07/1938, p. 12

feminina e não de submissão – desfazendo o estereótipo da *mulher frágil*. Nos textos também é possível perceber semelhanças na construção do temperamento.

4.3 MULHER BANDIDA

A possível crueldade da cangaceira foi noticiada no jornal nordestino, tendo como fonte um homem que não tem a profissão divulgada. As situações aconteceram em Pernambuco, estado sede do jornal: “[...] em Queimada Redonda cortou a língua de uma mulher cujo marido espancou²²”. Na mesma cidade, Lampião obrigou um homem a dançar com Maria Bonita, entretanto, a cangaceira teria beliscado o rapaz: “Todo tempo o pobre rapaz não podia acertar os passos, tantos eram os beliscões na barriga e no braço que levou da mulher de Lampeão, saindo todo marcado²³”. No caminho para uma localidade não identificada, Maria Bonita ainda teria ameaçado um vaqueiro. “Em toda viagem fez ameaças ao vaqueiro, dizendo que se ella cahisse elle morria. Com um punhal ia picando o vaqueiro, furando-lhe o pescoço, mostrando-se desejosa de sangrá-lo. Meteu um revolver na boca do vaqueiro, dizendo que estava com vontade de detonar²⁴”.

Conivente em momentos de tortura e até mesmo participativa, Maria Bonita é representada pela mesma fonte como uma mulher de instintos perversos “pior do que Lampião²⁵” - já que ameaçava os próprios companheiros do bando. Nestas notícias do jornal, a cangaceira é representada como uma mulher ruim, até mais que Lampião – que atuou em combates desde o início dos anos de 1920 e foi responsável por muitas mortes. Em duas das três ocasiões, as violências também acontecem em relação ao cangaceiro - que espancou uma mulher e obrigou um homem a dançar com ela. Mesmo assim, a imagem da cangaceira parte do estereótipo (FREIRE FILHO, 2004) da *mulher bandida*, que é mais sanguinária que o *homem bandido*. Isso se deve aos critérios morais da sociedade. Na década de 1930, por exemplo, as mulheres tinham obrigações domésticas com o marido e os filhos. A *vida bandida* não era sequer cogitada, por isso a perversidade de Maria Bonita parece ampliada. Como lembra Guacira Louro:

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser

²² Diário de Pernambuco, 20/12/1934, p. 1

²³ Diário de Pernambuco, 20/12/1934, p. 1

²⁴ Diário de Pernambuco, 20/12/1934, p. 1

²⁵ Diário de Pernambuco, 20/12/1934, p. 1

nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" [...] (LOURO, 2000, p.9)

Lampião não era um homem branco e da classe média urbana, mas dentro de um contexto sertanejo de violência era considerado um líder – muitos jovens queriam entrar para o bando e ser como ele (FACÓ, 1963). Os atos truculentos presentes no cangaço e em outros movimentos de *banditismo* estão mais próximos do que é aceito socialmente como uma *natureza masculina* do que da feminina. A mulher foge à norma e à moralidade quando é responsável por essas ações.

4.4 CANGACEIRA APAIXONADA

Em 1929, Maria Bonita abandonou um relacionamento conturbado e engatou um namoro com Lampião. Ele a visitava entre um ataque e outro até 1930, quando decidiu integrá-la ao grupo. Maria Bonita aceitou a proposta e entrou no movimento de forma consentida, diferente dos casos das cangaceiras Dadá e Sila, que foram raptadas pelos homens do bando (ARAÚJO, 1984). A paixão de Maria Bonita e Lampião era recíproca, conforme o *Diário de Pernambuco*: “Lampeão apaixonou-se por ela e convidou-a para acompanhar o grupo. Tem profundo respeito a Lampeão e não lhe fica atrás, na tática dos combates²⁶”; “Lampeão se amolcece num ser apaixonado, entregando-se, progressivamente, aos caprichos de uma mulher²⁷.” Esta notícia dá a entender que Maria Bonita *amolece* o coração de um homem conhecido por sua *crueldade e valentia*, humanizando-o e tornando-o um *ser apaixonado*.

O jornal fala sobre a paixão do homem pela mulher, mas foca majoritariamente nos sentimentos da cangaceira pelo líder do bando. Os esforços que Maria Bonita realizou quando deixou a família para se tornar cangaceira foram noticiados no dia 10 de janeiro de 1936: “Maria da Glória, faz cinco meses, abandonou sua família, e deixou Cariry, atravessando as grandes distâncias e incríveis perigos, para se juntar a Lampeão e seu grupo²⁸”.

Alguns dias após a morte do casal, o jornal dá ainda mais ênfase aos sentimentos da cangaceira e diz que “Maria Bonita amava a Lampeão doidamente. Nunca o

²⁶ Diário de Pernambuco, 30/03/1932, p. 2

²⁷ Diário de Pernambuco, 10/01/1936, p. 10

²⁸ Diário de Pernambuco, 10/01/1936 p. 10

abandonara quando em combate. Com elle viveu, com elle morreu²⁹”. O pedido de clemência antes de ser assassinada também é destacado. “[...] ao cair Lampeão ferido, Maria Bonita implorou clemencia dos soldados para seu amante. Nessa ocasião foi baleada³⁰.”

O desfile das cabeças decepadas em Maceió também ressalta a importância de Maria Bonita para Lampeão e para o cangaço. Ela se torna uma protagonista, ao lado do *Rei do Cangaço*: “[...] muita gente se emocionou, vendo a cabeça de Maria Bonita, a sertaneja que fizera de Lampeão um herói a seu modo, seu companheiro de 12 anos de tragédia através do sertão, enfrentando soldados, vencendo a galope as caatingas incendiadas pelos perseguidores³¹”.

Todas estas notícias constroem a representação de uma mulher apaixonada, que é capaz de deixar a família, e se tornar a primeira cangaceira do movimento. É uma representação de coragem por mudar os costumes e viver na caatinga, em meio a inúmeros confrontos com a polícia. A clemência pela vida de Lampeão também reitera a ligação entre os sentimentos e a valentia. Já na última notícia, Maria Bonita é considerada a responsável pelo modo heroico de Lampeão – como se a paixão e o amor de uma mulher fossem capazes de *mudar e melhorar* um homem violento. Essa transformação aumenta a obrigação da mulher e exime a culpa do homem, romantizando a história violenta do cangaço. O amadurecimento é ligado à mulher enquanto a imaturidade é referenciada ao homem, como se precisasse de um motivo para evoluir.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: AS AMBIGUIDADES DE MARIA BONITA

A partir desta pesquisa foi possível concluir que o *Diário de Pernambuco* construiu uma representação multifacetada de Maria Bonita. Uma mulher que é ao mesmo tempo atraente e dominadora, violenta e apaixonada por seu marido. Estas representações foram responsáveis pela construção da imagem pública de Maria Bonita entre os anos de 1932 e 1938, mas também influenciaram a criação de uma personagem após a morte da cangaceira. Muitos historiadores utilizaram conteúdos de veículos

²⁹ Diário de Pernambuco, 30/07/1938, p. 12

³⁰ Diário de Pernambuco, 02/08/1938, p. 3

³¹ Diário de Pernambuco, 03/08/1938, p.5

impressos como fonte de pesquisa para narrar o cangaço e seus integrantes, em especial Maria Bonita e Lampião.

As informações contidas no jornal pernambucano são cruciais para compreender o sertão da década de 1930, época em que as mulheres brasileiras conquistaram o direito ao voto, mas ainda estavam incumbidas de cuidar dos afazeres domésticos e da família. Maria Bonita quebra paradigmas morais e sociais quando abandona o marido para se juntar com um cangaceiro e, posteriormente, quando é integrada ao bando e passa a levar uma vida de violência.

Este artigo contempla 14 notícias sobre Maria Bonita, que foram lidas e analisadas separadamente. Na categoria beleza sertaneja, Maria Bonita é considerada na maior parte das vezes uma mulher atraente, de belos atributos físicos. A contestação dessa informação acontece apenas uma vez. Quanto à personalidade na categoria subsequente, Maria Bonita é noticiada como corajosa e dominadora. Esse poder é direcionado sobre Lampião e aos demais cangaceiros do bando. A representação de mulher violenta acontece na próxima categoria, que narra as ameaças e atitudes truculentas da cangaceira – inimagináveis para uma mulher da época. Para finalizar a imagem construída pelo periódico, Maria Bonita é noticiada como uma sertaneja apaixonada, que fez sacrifícios para se unir a Lampião e implorou para que o cangaceiro não fosse morto. Todas essas representações são o reflexo de uma mulher sertaneja à frente do seu tempo, que foi pioneira de um movimento armado.

É perceptível que o jornal tenta enquadrar Maria Bonita nas normas da época. Isso acontece quando ela é noticiada como uma mulher bonita e apaixonada por seu marido. Entretanto, a cangaceira foge destas normas quando é retratada como violenta e dominadora. Estas representações contrárias para os padrões da época são radicalizadas a partir do momento que Maria Bonita é considerada pior que Lampião – uma mulher que raramente decide a favor do réu.

As representações vinculadas ao domínio e a violência são anuladas após a morte da cangaceira. A partir de 28 de julho de 1938, o *Diário de Pernambuco* faz uma tentativa em colocá-la novamente nos padrões femininos. Maria Bonita passa a ser noticiada como uma mãe que prezou pela vida da filha e como uma mulher que vivenciou uma história de amor e aventura na caatinga.

Este artigo teve o intuito de contribuir para a pesquisa a respeito do cangaço, praticamente inexistente no campo da Comunicação no Brasil, especialmente aquelas

que envolvem personagens femininas. A representação construída através da imprensa, a exemplo do *Diário de Pernambuco*, é fundamental para entender a construção da imagem pública de uma personagem e um casal que ainda hoje habitam o imaginário popular e são vistos em produções televisivas e cinematográficas. Maria Bonita morreu em 1938, mas continua sendo lembrada através de livros, obras de arte e artesanatos, principalmente no Nordeste do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa de. **Gente de Lampião: Dadá e Corisco**. São Paulo: Traço, 1982.
- ARAÚJO, Antônio d Amaury Corrêa de. **Lampião: as mulheres e o cangaço**. São Paulo: Traço, 1984.
- BARROZO, Gustavo. **Almas de lama e aço: Lampeão e outros cangaceiros**. São Paulo: Melhoramentos, 1935.
- CPDOC. **Dicionário histórico-biográfico da Primeira República 1889 - 1930**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2015.
- DÓRIA, Carlos Alberto. **O cangaço**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963.
- FONSECA, Virginia; DORNELLES, Roberto. O jornalismo como história imediata. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, no 1, 2013. Disponível em <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/104957/000933594.pdf?sequence=1>> (Acesso em 31/09/2018)
- FREIRE FILHO, João. Mídia, estereótipo e representação das minorias. **Revista ECO-Pós**, no 2, 2004. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/eco_pos/article/view/1120/1061> (Acesso em 02/10/2018)
- HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MARCILIO, Daniel. O historiador e o jornalista: a história imediata entre o ofício historiográfico e atividade jornalística. **Revista Aedos**, no 12, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/aedos/article/view/36941/26769>> (Acesso 30/09/2018)
- MOTTA, Luiz Gonzaga. Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. **Revista E-Compós**, no. 1, 2004. Disponível em: <<http://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/8>> (Acesso 29/08/2018)
- NEGREIROS, Adriana. **Maria Bonita: sexo, violência e mulheres no cangaço**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **História do cangaço**. São Paulo: Global, 1982.
- RIOUX, Jean Pierre. Entre História e Jornalismo. In: Chaveau, A. & Tétart, P. Questões para a história do presente. São Paulo: EDUSC, 1999.
- SOARES, Murilo César. Representações e comunicação: uma relação em crise. **Revista Líbero**, no 20, 2007. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/634/602>> (Acesso 05/10/2018)